q868R357
Osu

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Illinois Urbana-Champaign

https://archive.org/details/surrexitpoesia00ribe

HOMENAGEM A LUIZ DE CAMÕES

SURREXIT

POESIA

POR

THOMAZ RIBEIRO

ILLUSTRADA COM O RETRATO DO FAMOSO EPICO
COPIA EM GRAVURA MECHANICA DA MEDALHA COMMEMORATIVA
DO MONUMENTO ERIGIDO Á SUA MEMORIA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1880

868R357
8 Osu

SURREXIT

Encontram-ſe, frequentemente, nos muſeus de Madrid, do Louvre, de Roma e de Florença pintores que ſe deſtinam, uns, a copiar as obras primas dos grandes meſtres, conſervando-lhes as dimenſões e respeitando, abſolutamente, o conjuncto, a luz, a perspectiva, as menos perceptiveis minudencias, e até a mencionar, na tela nova, os eſtragos com que o tempo ſe atreveu a condecorar o velho primor de arte; outros a extractar uma parte apenas do quadro: uma cabeça, um buſto, uma attitude, um ſentimento, um effeito de luz, uma intenção do artiſta; outros a reduzir a miniaturas quadros que, pela ſua dimenſão, podem apenas ter logar nos enormes ſalões das regias galerias.

Tal foi tambem a minha intenção ao eſcrever os verſos que vão ler-ſe.

Não ha pretenções de artiſta neſte inglorio trabalho de copia, em parte, e em parte de reducção. É tarefa de meſter ou de artificio.

Vi o pantheon—«Luſiadas»—viu-o de perto, arrostando com o deſlumbramento: eram mundos ſeparados por largos e indomitos oceanos; eram feitos, que pa-

reciam milagres, accumulados durante ſeculos; eram figuras homericas a enfileirarem-ſe e a perderem-ſe na aurea penumbra das diſtancias; eram amores olympicos a entremoſtrarem-ſe nas ſelvas em flor d'umas ilhas myſterioſas, que tinham fontes e ſombras e prazeres para os encalmados e ſaudoſos; eram lições de vaſto ſaber, conſelhos de ſazonada prudencia, prophecias de quem antevia deſaſtres e lhes apontava as cauſas.

Impoſſivel, de tão perto, agrupar o quadro e apreciar o conjuncto. Afaſtei-me, afaſtei-me até conſeguir a unificação, para os meus olhos, da maravilhoſa fabrica. Neſſe momento dava-me a diſtancia apenas a miniatura, e era a miniatura juſtamente que eu procurava.

Comprehende-ſe que um retrato ſe reduza ás dimenſões de um medalhão, que poſſa andar ao peito de um filho, de um pae, de uma irmã; porém um quadro epico ficará, na reducção, obſcuro, desfigurado, indiſtincto.

Só o reſultado do trabalho me moſtrou a imprudencia da tentativa.

Como porém alguns traços camonianos ſe ſalvaram, como algumas joias dos «Luſiadas» logrei ver engaſtadas na medalha que tentei cunhar, em commemoração da grande feſta, deixo ficar a mallograda miniatura, que não deve ſer cauſa de reparo, viſto não ter ſido producto de vaidade.

O tributo que hoje ſe conſagra a Camões não vem taxado em tabellas de lei, nem em verbas orçamentaes.

Offerecendo cada qual o que tem, ſuppre quanto falta, com a devoção que lhe acompanha a oblata.

Contribue, com bem mais, para a feſta, o coração que dá tudo, que o eſpirito que dá muito.

SURREXIT

«E lá vos tem logar, no fim da idade,
«No templo da ſuprema eternidade.»
CAMÕES.

I

De que val' procurar-lhe a ſepultura?
Elle não jaz, reſuſcitou da morte;
e, solta eſſa alma heroica, ouſada e pura,
do horror da vida e das galés da ſorte,
ſentiu alar-ſe pela immenſa altura,
livre, immortal, feliz, ſereno e forte,
azas de ouro e de luz, fronte aureolada,
hymnos, priſmas, perfumes: alvorada!

II

Ninguem o viu ſurgir; a inveja eſqualida,
ao pé da campa, emfim, adormecia;
Natercia, a virgem meiga, etherea e pallida,
ſubíra ao céu, a ver de lá ſe o via;
ninguem, pelos deſpojos da cryſalida,
corria os dados ſobre a campa fria,
que o poeta, em miſeria extrema e unica,
nem tinha, como Chriſto, a pobre tunica!

III

Silencio e ſolidão! o monſtro, apenas,
reſfolegava do ſepulcro á beira,
dormindo o inquieto ſomno das hyenas,
canſado, a deſcanſar a vez primeira.
Camões viu-o e parou!—«Das minhas penas
«auctora vil e eterna companheira!
«lepra do genio! paraſita immundo!...
«E penſar que iſto dicta as leis ao mundo!!

IV

«E penſar que na patria minha amada
«has de ficar, cevando em ſangue as prezas!
«hydra covarde e vil! diſſimulada!
«enroſcando-te a todas as grandezas!
«prendendo toda a audacia ſublimada!...
«Eu a polir as glorias portuguezas,
«tu a ſujal-as com tua baba eſcura!...
«qual de nós vencerá?... Eu! fera impura!

V

«Eu, ante quem do Grego e do Troyano
«a Odyſſeia e a Eneida emmudeceram;
«eu, que ouſei, de Alexandre e de Trajano
«dizer ás ſombras:—«ide!»—e ſe eſconderam.
«Cantando o peito illuſtre luſitano,
«a quem Neptuno e Marte obedeceram,
«dei-lhe a immortalidade! e d'eſta ſorte
«não chega a inveja onde não chega a morte.»

VI

E nas azas da fé ſubiu! ſubia
pela immenſa amplidão do eſpaço immenſo!
era mais vivo o ſol, mais claro o dia,
mais doce a aragem, mais ſuave o incenſo,
e mais diſtincta a celica harmonia!
côro que parecia andar ſuſpenſo
n'eſſe abyſmo luzente e palpitante
dos céus de Homero, de Virgilio e Dante.

VII

E começou de ver, longe, indiſtincto,
erguer-ſe, ante os ſeus olhos deſlumbrados,
em deleitoſo, ampliſſimo recinto,
zimborio aſſente em plinthos mil dourados;
nas galas e primores de Corynthо
as mil côres dos priſmas iriados;
tudo cryſtal e ouro e pedras finas
e, na cimalha, o ſeu brazão das quinas!

VIII

—«Que templo é eſte e que paiz de flores
«me vem buſcar de regiões diſtantes,
«como buſcava a ilha dos Amores
«o Gama e os ſeus heroicos navegantes?!
«Quem ſão eſſas donzellas? que primores
«me promettem ſeus olhos lacrimantes?...
«Oh! conheço-vos bem, joias d'eſt'alma!
«Natercia! Ignez!... Meu Deus! a minha palma!!

IX

«Alma minha gentil que te partiſte
«tão cedo da outra vida deſcontente!
«eu fiquei-me na terra ſempre triſte,
«e tu, lembrando aquelle amor ardente
«que lá nos olhos meus tão puro viſte,
«vaes dar-me o coração eternamente!
«Bem haja Deus! que para merecer-te
«tão tarde ſó de lá me trouxe a ver-te!

X

«Collo de garça, Ignez! não percebiam
«os algozes crueis que te matavam,
«que n'um mundo melhor reviveriam
«amores que em teu peito ſemeavam,
«de noite em doces ſonhos que mentiam,
«de dia em penſamentos que voavam,
«os rouxinoes, as flores e o ſocego
«dos ſaudoſos campos do Mondego!

XI

«Tu não ſabes as queixas maguadas
«que murmuram por ti o valle e o monte;
«não ſabes as ſuaviſſimas toadas
«que palpitam d'amor neſſe horiſonte;
«não ſabes que de lagrimas choradas
«correm ſobre o teu ſangue, em pura fonte!
«Lá te chamam, Ignez, eternamente,
«o rio, a fonte, e o canto meu plangente!

XII

«Porém onde eſtou eu?»—«Camões, chegaſte,
«após tanta miſeria e tanto damno,
«ao Pantheon que lá nos conſagraſte,
«á patria e a nós!»—«Que ſois?... Oh! não me engano!»
—«A legião de heroes que alevantaſte
«nos verſos do teu canto ſobre-humano!
«Entra na tua immenſa galeria
«alumiada á luz do eterno dia!»

XIII

Quantos vultos de nobres cavalleiros,
pelas extenſas naves alinhados!
Reis de Ourique e de Aviz; bronzeos guerreiros
de Tanger, Ceuta e Arzilla; os namorados
donzeis de Aljubarrota, e os altaneiros
Magriço e os onze; ao fundo, n'um dos lados,
Egas Moniz e Affonſo,—o veneravel;
no outro, João primeiro e o condeſtavel.

XIV

Cem columnas de bronze, em mil relevos
oſtentam feitos luſos de alta fama,
deſde os leões do Herminio, rudes, ſevos,
a quem de Viriato a audacia inflamma,
'té, de Ourique ao Salado, affombro aos evos!
o longo deſbarate da mourama!
ondas, naus, marinheiros!... Os milagres
do—«Talent de bien faire»—erguido em Sagres!

XV

No extremo, o logar de honra era vazio.
—«É teu»,—lhe diſſe o Gama erguendo o braço!
e os heroes de Malaca, Ormuz e Dio,
bateram com os broqueis nos peitos de aço.
No fundo eſtava o Adamaſtor ſombrio,
medonho e mau, na côr terreno e baço,
cheios de terra e creſpos os cabellos,
a bocca aberta, os dentes amarellos.

XVI

O poeta ſorriu-ſe!—«E tu, gigante,
«que vens aqui fazer?»—«Moſtrar-me grato,
«pois que arroſtaſte, intrepido, arrogante,
«com minhas furias... e com o meu retrato.
«Moſtrou-m'o um dia Tethis!... Repugnante!!
«Curei-me d'eſſe amor tão inſenſato;
«mas para precaver de novas maguas
«vae-m'o ſempre moſtrando em ſuas aguas!!.»

XVII

Quiz ainda o poeta olhar a terra...
era toda eſcondida em véus ſombrios!
ſó a voz do canhão, que aſſombra e aterra,
echoava nos concavos deſvios.
—«Meu pobre Portugal! a inſidia e a guerra!
«e ninguem a reinar!!... Audacia e brios,
«ſemeei-vos, debalde, em chão de abrolhos!!...»
E caíram-lhe as lagrimas dos olhos.

XVIII

Trezentos annos ha que aos duros tratos
da ſorte refugiu... É bem diſtante
para nos accuſarmos, inſenſatos!
Porém, Camões! ſe no teu peito amante
ha perdão para os netos dos ingratos,
olha da eternidade! olha um inſtante!
verás que a patria, onde ſó viſte abrolhos,
faz eſtrellas do pranto dos teus olhos!

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
Q. 868 R357OSU C001
Surrexit poesia
3 0112 089718495